

Bastidores
(18-11-2020)

César Caldeira

Muito boa tarde a todos, bem aquele que será o último *live stream* do ciclo de conversas Funchal Cultura 2030, o tema de hoje é bastidores, todos aqueles que trabalham por detrás dos eventos, produtores, técnicos de som, de luz, cenografia e figurinos, entre tantos outros, que sabemos bem que trabalham em prol da cultura.

Em primeiro lugar quero agradecer à Câmara Municipal do Funchal pelo convite, e quero agradecer também à equipa de missão Funchal 2027, também igualmente pelo convite.

Começo por apresentar os meus colegas, que estão cá presentes nesta conversa, debate, que é o Diogo Gonçalves, Edgar Rosa e Pedro Martins. Para começar com este debate vou pedir aos meus colegas que façam uma pequena apresentação sobre vocês mesmos, e começo pelo Edgar.

Edgar Rosa

Ei, a sério?

Está bem, ok, tudo bem.

Eu acho que estou aqui como representante de uma empresa de som, a Esound do qual também sou o responsável técnico, e também, profissionalmente eu também tenho outra atividade, eu trabalho para a RTP RDP, eu sou o responsável por pela rede de emissores e estúdios, e tudo o que é relacionado com manutenção técnica, eletrónica, e dos estúdios da rádio difusão da Antena 1, Antena 3 assim como a rede de emissores. A empresa de som, tem a ver com um gosto pessoal relacionado com bailes e coisas que faço desde pequeno, e eu acho que é um bocado por aí.

Vou deixar agora, os outros também se apresentar.

Pedro Martins

Sou o Pedro Martins, eu acho que toda a gente já sabe quem sou, nem que seja pela barba, sou técnico de montagem e alinhamento de sistemas ao vivo, sou técnico de som e operador, e mais agora nesta área de confinamento, também técnico de estúdio e por aí adiante.

Trabalho atualmente, trabalho pessoalmente, como *freelancer*, seja para bandas, seja para empresas ou outros afins e cá estamos.

Diogo Gonçalves

Olá a todos, o meu nome é Diogo Gonçalves, não sou técnico, sou produtor executivo do grupo Dançando com a Diferença, e sou assistente da direção artística do Henrique Amoedo, que é o nosso diretor artístico. Trabalho nesta área desde 2014, estando desde 2017 no Dançando com a Diferença.

César Caldeira

Vou-me apresentar a mim, apesar de ser moderador também trabalho na área dos eventos, sou formado em organização e gestão de eventos desde 2010, depois comecei como estagiário e assistente de produção na altura era a Seram, comecei os primeiros passos como assistente de produção nessa empresa, e depois, desde então faço, trabalho na área de produção de eventos desde 2010, já participei nos diversos eventos, Funchal Jazz, Summer Opening, já foram tantos, Funchal Music Fest, já tenho um leque grande de produções, dentro dos festivais, fiz sempre um pouco de tudo, tive acho que é o privilégio de passar um pouco por todas as áreas de um evento, deste trabalho de backstage, trabalho de produção de palco, mesmo a própria logística do recinto, tive o privilégio de passar e aprender muito

nessas diferentes áreas, mesmo na parte do som, luz, conhecimento de um pouco de tudo.

Em 2017 fui convidado pelo Gonçalo Camacho, associado ao Summer Opening, a entrar na sua equipa, e sou responsável pela parte de produção de toda a logística do festival, tudo o que toca a estruturas, camarins, tudo o que o festivaleiro vê e usufrui quando está no festival.

Esta é a minha breve apresentação, vamos começar aqui com umas pequenas, temos três tópicos para esta nossa conversa, o primeiro tópico, e tem muito a ver com o que se tem passado este ano connosco, e vocês sabem muito bem, que é a precariedade nos eventos.

Gostaria de saber um pouco a vossa opinião, sobre tudo o que se está a passar, num ano completamente atípico, para um setor completamente parado desde março, vocês melhor que ninguém, tanto como eu sabem que não tem havido mesmo qualquer atividade, mesmo zero, gostaria de saber a vossa opinião, o que é que vocês estão a sentir com isto tudo.

Edgar Rosa

Bem, se me derem a palavra, não estamos a sentir nada, o problema é esse, nós costumávamos sentir bastante, estamos praticamente parados na área dos eventos. Eu tenho uma opinião pessoal sobre isto, não sei se vai de encontro a todos, eu compreendo perfeitamente porque é que estamos parados, porque de facto temos uma área muito sui generis, e é sempre, no fundo a gente tá sempre à procura do aglomerado de pessoas, que é algo que se tem de evitar agora neste momento e claro, não é compatível. Eu acho que isso, e também não se pode fugir, é isso. Por mais que nós gostássemos de estar a trabalhar, é impossível nas condições atuais, pelo bem de todos, acho que é impossível.

Pedro Martins

Pessoalmente, tinha muitas expectativas e muitos planos já feitos para este ano, quando isto tudo começou, tinha, posso dizer, da minha parte, tinha um ano maravilhoso, tanto cá na ilha, como também tinha convites para fora da ilha, e continuo cá na ilha, como se pode ver, porque foi tudo cancelado, tudo parado, da melhor expectativa de ano que eu poderia ter, passou para a pior, atualmente, praticamente não há mesmo quase nada para fazer, não vejo perspectivas melhores para o futuro, a gente estamos sempre com aquela esperança, não digo para o ano, mas que de mês a mês as coisas melhoram, e eu vejo de mês a mês as coisas a piorar numa área que é, não sei se futuramente será um bem essencial à vida, para o continuar, ou entrar começar a procurar outro tipo de situação, de área, se as coisas de agravarem.

Diogo Gonçalves

É assim, tenho de concordar com todos, infelizmente desde março que estamos em *stand by*, ou completamente parados e realmente isto é algo que é transversal a todos, desde artísticas, técnicos, desde técnico artistas, e é algo que infelizmente e não é só pela questão pandémica, mas sempre que há uma crise, o segmento da cultura é sempre aquele que é mais afetado, e para além deste caso da crise pandémica, ainda tem uma coisa mais específica, porque nós fomos os primeiros a parar, e fomos os últimos a recomeçar, e quando recomeçamos, recomeçamos sem nenhum tipo de perspectiva, sem nenhum tipo de esperança, foi recomeçar à espera de parar novamente, e isto coloca-nos numa corda bamba, em que nós não temos nem perspectivas para aquilo que fazemos hoje, não temos perspectivas para aquilo que vai ser o nosso amanhã, e não temos se quer perspectivas seguras daquilo que vai ser 2021, porque da mesma forma que nós fomos os primeiros a parar, da mesma forma que nós fomos os últimos a recomeçar,

somos também os últimos a serem pensados, não existem medidas efetivas que nos digam, “olhem, para o plano da cultura está previsto isto para 2021, porque 2020 esqueçam, já acabou, não há nada a fazer. Não há, não há nada, continuamos com artistas em *stand by*, continuamos com técnicos em *stand by*, continuamos com técnico artistas sem ter esperança da realização de algum trabalho, ou qualquer agenciamento ou qualquer outro serviço que possa ser paralelo ao serviço artístico, não há realmente nada. Então continuamos aqui no vazio, simplesmente o setor das artes e da cultura é um vazio, onde estamos todos a flutuar, à espera que apareça algo concreto para que nos agarremos, mas nem nós como setor conseguimos garantir essas bases, porque nunca fomos preparados para isso e é um setor ainda muito frágil e essa fragilidade agora sente-se de uma forma catastrófica, mas também aqueles que nos deviam ter dado essas bases à uns anos atrás, estamos aqui a falar à 10 anos, 15 anos atrás, agora nem eles sabem pensar uma solução para nós, e também porque eles não têm a solução para nós, porque como eu disse, se os setores fossem uma lista de compras, a cultura estaria no fim. Infelizmente é assim. Eu não sei se concordam, se querem acrescentar algo.

Edgar Rosa

Eu concordo que, é assim, a cultura, eu acho que é essencial, poderá não ser é vital, ou seja, numa altura destas, a verdade é que a gente consegue sobreviver perfeitamente sem toda a cultura, ou sem toda a cultura que a gente desejaríamos, a gente pode-se refugiar em livros, em Cds que nós temos, ouvir música em casa, claro que aquela parte social é que, está posta de parte, e isso, não é vital, nós vamos conseguir sobreviver sem a cultura que nós desejaríamos, mas que é essencial, eu acho que é essencial, e acho que toda a gente está ansiosa para voltar a ter a cultura que tínhamos, a verdade é que nós tínhamos, nós tínhamos uma ilha cheia de cultura e de

eventos variados de todos os géneros, que dava para todos, só não íamos mais porque realmente não podíamos, não podíamos estar em dois sítios ao mesmo tempo.

Diogo Gonçalves

Eu podia concordar com essa parte da cultura não ser vital, se apenas cingisse a cultura aquele trabalho que é feito por nós, ao segmento daquilo que é visto nas ruas e nos palcos, o que na realidade não é, se nós formos ver, o maior consumo de cultura durante a pandemia, aconteceu no cinema, aconteceu através de plataformas *streaming*, aconteceu durante o consumo de música em plataformas *streaming*, ou seja, a cultura continua a existir, e é vital, pois mesmo em tempo de confinamento, mesmo em tempo de pandemia ainda é necessário consumi-la, nem que seja através de livros, música, cinema, plataformas de *streaming*, jogos tudo isto é cultura.

Pedro Martins

Mas também pode ser uma coisa a que nos estejamos viciados a, se nós reeducarmos a nossa parte cultural, nós temos o vício, ainda de irmos para a rua, mas de formos educados de outra forma de consumir cultura, tudo mudará também, e há muitas formas de o fazer culturalmente sem ser presencial.

Edgar Rosa

É o que está a acontecer atualmente. Atualmente quase que fomos obrigados a consumir parte dessa cultura tudo via *streaming*, embora eu acho que não é a mesma coisa, eu vou falar da área de um concerto, um concerto eu vejo, é o calor humano, assim como tu vais ver uma orquestra e

não é só a questão de te ouvires em silêncio os instrumentos todos, mas também é o fator de tu estares inserido numa plateia, com mais gente, e a parte social de quando saís, seja uma peça de teatro, seja o que for, essa parte também faz, ou seja, não é só a peça por si, é a chegada, é a saída, ou seja, é todo um evento social que está por trás.

César Caldeira

Eu acho que se as pessoas sentem tanto a falta, imagino nós, que adoramos aquilo que fazemos, adoramos aquilo que fazemos, e sentimos tanta falta daquele stress saudável, de ter de fazer tudo a pronto que as portas vão abrir, e não sei o quê, e o cliente quer tudo pronto, e agente, uf, está feito. Se o público em geral sente falta da cultura, imagino nós que vivemos intensamente e de outra maneira, porque as pessoas não sabem, ou pouco têm ideia do que se passa nos bastidores, é isso que a gente está a falar agora, nós que trabalhamos, sentimos tanto os bastidores, para nós então, faz mesmo muito falta, está mesmo a fazer falta, a mim está, fez-me uma falta de consumir eventos e trabalhar e sentir aquele stressezinho saudável, vocês todos sabem...

Edgar Rosa

Aliás, para as pessoas que vão ver o evento, começa na altura em que começam a tocar, para nós começa um dia antes, reuniões técnicas, instalações, e depois ainda tem mais trabalho...

César Caldeira

Bem, aproveito para quem quer colocar questões, aqui no nosso debate, esteja à vontade para colocar questões no debate que estamos a realizar agora.

Passamos agora a outra pergunta, também acho que é importante, que é, o crescimento da área de produção de eventos no nosso mercado, quer regional, quer nacional. Qual é a vossa opinião e perspetiva na área dos eventos nos últimos anos e no que toca ao crescimento da produção de eventos?

Edgar Rosa

Eu posso falar que nos últimos anos tenho vindo sempre a crescer, não é drasticamente, mas todos os anos tenho notado que pela quantidade de trabalhos que eu tenho feito, que tem vindo sempre a crescer, de cada ano, tem havido mais e mais variados que é ótimo, seja pequenos, seja grandes, de todo o género, eu acho que tem vindo a crescer. Claro que este ano foi uma quebra total, veio quase tudo a zero, e vamos esperar que logo que esta situação esteja resolvida, que voltemos se calhar não tão rapidamente como desejaríamos à linha que estávamos a seguir, mas que eu penso que vai haver uma apetência grande para, desde que a situação da pandemia esteja resolvida, claro, sem entrar em loucuras, mas se de repente, a gente volta ao que tínhamos em janeiro, por exemplo, em janeiro já havia esta confusão mas a gente ainda estava numa lufa lufa que parecia que não ia acontecer nada disto, se voltasse à situação de janeiro, não sei se as pessoas iam estar aptas, ou com vontade sair, ou com medo. Poderá não ser, eu penso que a partir do momento que a situação fique resolvida, mais uns meses até as pessoas se habituarem, e eu acho que voltamos ao mesmo, acho eu, desde que o turismo comece a regressar, e tudo volte ao normal, eu penso que regressamos, acho eu, não é, é a esperança que nós temos.

César Caldeira

Há sempre aquela incerteza, aquela incerteza que nos aflige, a gente não sabe o que é que vem daí, não é?

Edgar Rosa

Eu não sei convosco, mas esta altura de pausa, digamos assim, também serviu para a gente, para nós nos cultivarmos e se calhar aprender outra vez, outras coisas, aqueles projetos que estavam sempre deixados para trás, é pá, depois eu vou tirar um curso, para perceber aquilo, e não sei que mais, pá, tivemos oportunidade agora, assim como os músicos tiveram aquela pausa para escrever e para fazer música, e estou a pensar que isto, está a servir, se calhar vai sair daqui muita coisa, e termos mais concertos mais tarde, não é?

César Caldeira

Sim, e desenvolver novas ideias, inovar nos nossos próprios eventos e nas nossas próprias produções.

Pedro Martins

Acho que de certa forma isto foi tudo muito bom ter parado, como a questão que o Edgar está a pôr, para toda a gente se reeducar em algumas situações, tanto músicos, como técnicos, como toda a gente, o problema, é que acho que já está a ser prolongado demais, porque estamos a chegar a um ponto, que as coisas estão a ficar...

Edgar Rosa

Sim, é a questão do valor e da economia, não se pode fugir, porque a verdade é que nós sobrevivemos também um bocado do que ganhamos na área, e se realmente não há eventos, é lógico que a gente está um bocado em baixo, deprimidos e com menos poder de compra, no fundo é isso.

César Caldeira

Diogo, queres dizer alguma coisa em relação a este assunto?

Diogo Gonçalves

É assim, o que eu acho é que realmente as coisas não vão voltar ao normal, mesmo com o fim da pandemia. Vai haver uma modificação completa, daquilo que nós temos como perceção do que é o evento, tal como ele era antes do covid 19, sobretudo com a inserção de novas tecnologias, que permitem a aproximação das pessoas, sobretudo para quem está fora da ilha, nós antigamente tínhamos aquela ideia, que nós para construir o evento tínhamos de estar todos presentes, tínhamos de estar todos no mesmo sítio, tínhamos de estar todos no mesmo lugar, e não importa de onde fosse a pessoa, a pessoa vinha para a Madeira, ou vinha de outro sítio para cá para realizar o evento, ou para participar no evento. Eu penso que agora, a partir do pós coronavírus, o que vai acontecer é, a tecnologia vai ter um impacto mais forte no desenvolvimento e na realização de eventos, e aí é que as equipas técnicas vão ter o seu grande peso e influencia no evento, porque aí já não vai depender só dos agentes que estão em palco, não só dos agentes que estão na preparação do evento, mas também da concretização técnica e tecnológica do evento em si.

César Caldeira

Ok. Temos aqui já três perguntas, a primeira é do Bruno Pereira, o Bruno Pereira pergunta: - Os bastidores são o veículo e a estrada da própria cultura?

Pedro Martins

São a parte mais importante de toda a cultura, sem os bastidores a cultura não existe.

Edgar Rosa

Isto puxando a brasa à nossa sardinha, claro, eu presumo que até uma sala de um pintor, que é o bastidor do quadro que tu podes assistir e ver numa galeria ou isso, aquele trabalho que está ali foi feito em bastidor, assim como nós, nós claro, para nós os bastidores é aquele momento em que o evento é feito, e em que o concerto acontece, claro, para nós é tudo bastidores, a gente se calhar nem está a ver a atuação do artista, a gente está a ver é se o som está alto, ou se está baixo, ou se....

Pedro Martins

Digo isto, que hoje em dia, 90% das coisas não conseguem ser feitas acusticamente, tem que ser sempre amplificadas de alguma situação, seja uma grande peça, seja praticamente só um artista, ou uma galeria que tem sempre um áudio e por aí adiante, e para isso vir a acontecer é sempre preciso uma parte técnica ao realizar-se, a parte técnica não o realiza, 90% dos eventos hoje em dia, desde pequenos até grandes, não são realizados. Portanto, acho que a parte técnica ainda continua a ser...

Édgar Rosa

Alguns músicos iam discordar de ti.

Eu pessoalmente também gosto de *jams sessions*, que acontecem e não precisamos de estar lá, eu acho que hoje em dia, muitos músicos já têm a qualidade técnica, é assim, se calhar não conseguem ser comparados a um técnico de som, de facto para um evento médio, ou grande, mas para pequenos eventos, alguns já se safam muito bem.

Pedro Martins

Mas depois recorrem muito à situação, ou tocam, ou fazem um evento, não conseguem os dois.

Edgar Rosa

Pois, claro, claro, sem dúvida.

César Caldeira

Sim, na minha opinião o trabalho nos bastidores é muito importante, é aquele trabalho invisível, que o público em geral não tem noção de como é feito, não tem noção do trabalho que realmente dá, e da importância que tem, existe muito trabalho por vezes de meses, chega a haver até de anos, dou o exemplo do *Summer Opening*, normalmente já começamos a planear o festival um ano antes, tá a acabar, e já estamos a planear o próximo ano, e o que é que vamos fazer de novo, por isso, há um trabalho de bastidores muito muito elaborado, por isso eu acho os bastidores muito importantes, e cada vez mais.

Pedro Martis

Desde uma simples reunião, à realização de um grande evento.

Diogo Gonçalves

Eu concordo exatamente com o que foi dito, por exemplo, na minha função, na produção executiva, eu estou lá, desde o momento, em que a ideia ainda nem sequer era ideia, era apenas uma possibilidade, e assisto, na minha área, no caso da produção de espetáculos, assisto ao espetáculo desde a ideia, desde a idealização, à concretização, a junção de elencos, junção de equipas técnicas até ao momento em que é estreado, até ao fim, onde penduramos os figurinos e dizemos assim, o espetáculo já não circula mais, o seu período de vida já acabou, ou seja, assisto ao ciclo vital de todo o processo, desde o pré, até à morte do espetáculo. Eu vejo tudo lá e as equipas técnicas são essenciais para o desenvolvimento de um espetáculo, para o desenvolvimento de tudo o que há na produção artística e cultural, e realmente é necessário dar valor à atividade, porque um espetáculo, um evento, ou seja lá o que for, não se faz sozinho, atualmente, cada vez mais, sobretudo nas artes contemporâneas, sobretudo mais nos eventos, não se faz as coisas através de individualismos, cada vez mais é preciso um trabalho de equipa, um trabalho multidisciplinar, já acabou aquele período em que o técnico era só técnico, não se relacionava nem com o artista, nem com o diretor, nem com nada, cada vez mais é mais necessário o *feedback* das equipas técnicas, tanto no espetáculo, como do artista que está em cima do palco, e acho que está na hora, do setor compreenderem a sua importância e a sua função dentro da realidade da área cultural, que é algo que ainda não foi tido em conta, não sei porquê, mas cada vez mais tenho ideia que os próprios técnicos e as próprias áreas técnico artísticas têm-se

como elemento paralelo e não essencial dentro das artes, mas na realidade são essenciais, são a base de tudo que no fim é posto e cima de palco.

César Caldeira

Ora bem, temos mais uma pergunta, esta feita pela Luísa Aguiar: - consideram que tendo em conta a situação atual, será necessário fazer uma adaptação à vossa profissão? Não falando de um crescimento, mas de uma adaptação a uma nova realidade?

Pedro Martins

Já o fizemos. Estamos a fazê-la, cada vez mais estamos a usar a tecnologia, cada vez mais as redes sociais, cada vez mais um meio de comunicação completamente diferente, daquilo que a gente estava habituados a trabalhar na própria estrada, estamos a trabalhar praticamente tudo virtualmente e é a isso que nós estamos a adaptar, estamos nessa realidade,

Edgar Rosa

Desculpa eu ia dizer se adaptamos, nós se calhar ainda continuamos a fazer alguns eventos, e de facto, temos de nos adaptar, porque as regras agora são outras, e claro, a gente é sempre um bocado a medo com as distâncias e com as regras todas, mas a verdade é que alguns eventos falta aqueles saltos, aqueles abraços, aquelas coisas que não se podem fazer agora, não é, quer dizer, e na perspetiva de público, e também na perspetiva técnica que às vezes nós também apreciamos o evento em si, apesar de estarmos a trabalhar.

Pedro Martins

Eu ainda este fim-de-semana estive de apoio a um espetáculo, e fiquei contente, de certa forma, o espetáculo correu bem , mas fiquei muito triste, numa sala de 400 lugares, só tinha 50 pessoas, e isso entristeceu-me muito, olhava para um lado e para outro, sentia-me como se estivesse a fazer a parte de testes, porque praticamente não tinha ninguém à minha volta numa sala de 400 pessoas, só ter 50 e eu fico a pensar para mim, até certo ponto, acho que vale a pena fazermos isto, só para querermos agradar, às tantas de calhar até é melhor nos separarmos de vez, e quando retomarmos, retomarmos em força, em vez de andarmos com estas expetativas que é para enganar, numa maneira de falar.

Edgar Rosa

Eu não concordo totalmente, eu acho que não se deve parar, eu acho que se deve manter o que se pode fazer dentro das regras, para manter alguma agilidade, porque a verdade é que isto também é um músculo e se tu não exercitas tu de repente estás a dar por ti e estás já ocupado com outra coisas, não sei se regressarás com a mesma vontade, estou a falar por mim, não sei.

Pedro Martins

Eu também por mim, vejo essa parte Edgar, eu atualmente entrei numa área mais de estudo, e como estou-te a dizer, fui fazer um espetáculo e a mim entristeceu-me muito, até chegar a deduzir para mim mesmo, estaria melhor num estúdio a trabalhar, do que estar aqui a fazer um espetáculo para ninguém, basicamente.

Edgar Rosas

Cinquenta pessoas não é ninguém.

Pedro Martins

Numa sala de 400...

Edgar Rosas

Hoje em dia eu noto que, naquela altura que tu desejaras, fogo, não vem mais ninguém, isto levava mais cinquenta pessoas. Agora, se tu estás num espaço que só pode levar cinquenta e se já estão quarenta, tu dizes, espero que não venha mais ninguém, porque se não isto pode dar barraca, ou pode estar demasiada gente, digamos assim. Só para manter as coisas dentro da segurança desejada, percebes?

Diogo Gonçalves

Infelizmente tenho de concordar com o Pedro, é muito estranho estamos numa sala enorme, de 400 pessoas e termos de realizar um espetáculo, assistir a um espetáculo, com um público de 50, mas infelizmente é o que as normas ditam e é o que nós temos de respeitar, mas também concordo por outro lado com o Edgar, também temos de continuar o motor vivo, porque se pararmos de vez, ou das duas uma, ou não existe vontade para voltar, ou não vamos ter ninguém que se lembre de nós para que voltemos.

Edgar Rosas

Posso fazer uma pergunta? Tu achas que as regras deveriam ser diferentes, nesta altura, ou concordas plenamente com o que está estabelecido, eu

estou a falar, por exemplo, a sala de 400 estar com 50 pessoas, eu percebo que exista a limitação das 50 pessoas agora, também estamos a viver uma situação mais grave, digamos assim, mas já tivemos com 50% de lotação, por exemplo, aí seriam as 200.

Diogo Gonçalves

É assim, tendo em conta o período todo que se passou, se nós voltarmos a março eu seria dos primeiros a dizer, em março, que eu estaria contra a forma como a cultura foi abordada na questão da pandemia, porque olharam para os artistas e para a atividade artística como se nós fossemos os culpados da pandemia, de repente, para poder voltar aos palcos, tínhamos quase que ser encarados como uma guerra biológica, não sei se tiveram oportunidade de ler os regulamentos que foram emitidos pela Direção Geral de Saúde.

Edgar Rosas

Eu acho que numa questão de um grande concerto, eu acho que teria a mesma opinião da DGS, um grande evento, onde estão dez mil pessoas.

Diogo Gonçalves

Mas eu estou aqui a falar, numa questão, por exemplo de um teatro, a minha área está mais ligada a teatros e centros culturais, num sítio onde tu tens lugares marcados, onde tu tens um número limitado de pessoas, onde partes do princípio que os cuidados de higiene básicos e primários são tidos, porque não vamos começar com a ideia que a higiene só existiu pós coronavírus, a higiene é algo que tinha que existir antes, e se nós tivermos em conta que isso existe, talvez aquilo que foi lançado naquela altura, era

demasiado, estamos aqui a falar de coisas excessivas, um terço da sala, todas as pessoas testadas... Eu lembro-me de ler aquilo e pensar que estava numa guerra química, mas quando eu ia para atividades que não eram da cultura, para atividades da restauração, quando eu ia para atividades de viagens, companhias aéreas, etc, etc, aí já estava tudo bem... Qual é a diferença se eu tenho uma pessoa sentada X, Y vazio, H sentado, porque é que isto é mais perigoso do que eu ter uma pessoa X sentada aqui, e outra sentada à minha frente, não havia muito sentido naquilo que era estabelecido para a cultura, e naquilo que era exigido aos outros. Nessa altura eu estaria mais contra, atualmente, tendo em conta a situação como se encontra, e tendo em conta o total desnorte no qual nós estamos no controle da situação pandémica, eu diria que nós estamos a ser até cautelosos na área da cultura, com estas medidas, mas estamos a ser cautelosos, não é que seja justo, mas estamos a ser cautelosos. [todos a falar aos mesmo tempo] por isso já tomamos providências antes, mas que é prejudicial, e não dá aquela pica de trabalhar e de estar ali naquele teatro, estar ali a dizer, ah, isto cabia aqui 400, mas só estão ali 50, mas tem de ser assim, e vou dar o meu melhor porque aquelas 50 pessoas que vieram, fizeram um esforço de combater o seu próprio medo, e todas as suas próprias limitações, para poder estar ali. Então vou fazer o meu melhor, e falar com os meus colegas para eles fazerem o seu melhor, porque aquelas 50 pessoas têm de valer pelas 400 que ali estão.

Pedro Martins

Eu até certo ponto vejo um consumo das pessoas, até mais do que 50, o problema é que está limitado a 50, enche a sala, e as pessoas são obrigadas, minimamente a voltar para trás, e acho que é essa parte aí que está a nos afastar um pouco daquilo que seria o público, por exemplo, como estavam a dizer, nesta última referência uma sala de 400 pessoas, só 50 não

faz sentido nenhum, no mínimo um terço ou um quarto da sala era suficiente o ter, mas pronto, é as regras.

César Caldeira

Vamos passar aqui a uma pergunta, que por acaso passou-me, que é do Javier Santos, em que ele pergunta: - o que acham que deveria melhorar na organização de eventos na região para dar um salto qualitativo nos processos de produção?

Edgar Rosas

Eu acho que não devia melhorar nada, eu acho devia era de haver coisas, para a gente conseguir fazer melhor, ou não. Se a gente não consegue ir à rua fazer alguma coisa, não conseguimos melhorar nada, e não vem desde nós cá, já vem desde a outra, da parte nacional inteira, e nós somos muito pequenos em relação ao resto que está a acontecer, até que tivemos alturas cá na Madeira, que tivemos bastantes eventos em relação a nível nacional, chegamos a ter mais eventos na Madeira, aqui numa determinada altura deste ano, mais do que em Portugal Continental inteiro, foi um mês bombástico, numa maneira de falar, mas depois, voltou a parar tudo, as coisas agravaram-se e acho que estamos pior do que estávamos antes de isso acontecer.

Diogo Gonçalves

Quanto às equipas técnicas eu não tenho nada a dizer, acho que aqui na Madeira até temos boas equipas técnicas e bons técnicos, agora na minha área, que é a área da produção executiva, eu acho que existe uma grande falta de formação local, porque se nós formos ter em perspetiva as estruturas

culturais regionais, são poucas aquelas que têm um produtor a trabalhar com elas, são poucas que têm alguém que está a fazer [?], temos artistas que fazem serviço de produção, é a mesma coisa que estar numa fábrica, e a pessoa que é responsável por executar o produto, está a tratando de burocracia, ou está tratando outros processos adjacentes e não o do produto em si, como é que alguém que é responsável pelo produto, não consegue estar focado na produção do produto, e depois consegue garantir a sustentabilidade do seu serviço?

Edgar Rosas

Eu nesse aspeto acho que é uma questão de preço, nos eventos grandes, acho sim que tem de haver essa distribuição, nos pequenos, cada vez mais, a gente também nota nas empresas, as pessoas são polivalentes, ou seja, tu vêes uma pessoa a fazer dois, três trabalhos em simultâneo, porque simplesmente não pagam mais, acho eu.

Diogo Gonçalves

Mas já vivemos, no caso das estruturas artísticas regionais, já vivemos à em quarenta anos em polivalência, e já vimos que essa polivalência não é suficiente.

Edgar Rosas

Eu na minha perspetiva acho que tem havido uma melhoria, eu acho que há sempre espaço para melhorar e, aliás, eu acho que temos visto, e assistido, claro, agora não que está tudo parado, mas temos assistido a um crescimento, até nessa área, começamos a ver produtores, que era algo que

não se via muito, tu vias praticamente que o dono da empresa tratava de tudo, hoje em dia, já não é bem assim.

Diogo Gonçalves

Porque atualmente, do que eu vejo, e do que eu tenho conhecido, não só a nível nacional, mas também a nível internacional, a arte e a produção artística, cada vez é um processo mais especializado, tu podes ter o artista a fazer o trabalho de um técnico, não podes ter um técnico a fazer o trabalho de um produtor.

Pedro Martins

Eu acho que essa parte mais pessoal, já vai da parte de quem está a gerir a própria peça, ou a própria situação de querer, entre aspas, trabalhar com todos, ou então trabalhar com a polivalência que faz duas ou três coisas, e procurar outras partes de interajuda, ou de profissionais para o fazer, acho que parte muito também por aí.

Diogo Gonçalves

Eu acho que isso aí, parte mais do fim que queres dar ao trabalho que estás fazendo. Se queres ter um prazo curto, eu diria que isso é o ideal, polivalência, isto fazemos uma vez, e está feito. Mas quando nós falamos de estruturas que querem existir por um período de 20, 30, 40, 60 anos, tu não podes ter algo que seja feito apenas pontual, tu tens de ter algo mais especializado, algo que garanta a tua sustentabilidade, e quando eu falo de sustentabilidade, falo não só de sustentabilidade financeira, mas sustentabilidade do teu trabalho, qual é impacto que o teu trabalho tem no meio em que tu estás, e isso, infelizmente não se faz com equipas

polivalentes, fazemos com equipas especializadas, e o que eu vejo aqui na Madeira é que, nas estruturas artísticas ainda há falta dessas equipas especializadas, ainda há falta de determinação de serviços [todos a falar]

Pedro Martins

Mas era isso que eu te perguntava, e há essa procura para o haver?

Diogo Gonçalves

Neste momento, com conhecimento próprio existe, mas não existe formação, nem gente formada para tal.

Pedro Martins

Daí haver essa procura, é uma forma de começar a haver também essa parte de formação.

Diogo Gonçalves

Mas também é necessário, que o mercado formativo compreenda também que existe esta necessidade.

Pedro Martins

Isso é praticamente como a parte técnica, atualmente nós estamos mais coordenados, mas também ainda somos muito polivalentes, seja pessoalmente, seja a nível de empresa, nós, por exemplo, se vamos para operar, nós não operamos só, também montamos colunas, mas também já não é a minha função montar a coluna, mas tenho de ser polivalente para um espetáculo realizar, portanto, depois há pequenos pormenores, dentro da própria área, mas se há essa procura é uma boa forma de começar a haver

interesse de formação, como antes também não havia na parte técnica, e hoje em dia já há, derivado à procura.

Diogo Gonçalves

Porque é isso mesmo, as estruturas artísticas regionais, começam a ver que a sua sustentabilidade não está apenas cá na região, também está fora dela, está na necessidade de ir para fora, de fazer intercâmbios, conhecer outros espaços, trabalhar lá fora, apresentar os seus espetáculos fora da ilha, e para fazer isso, é preciso ter um serviço mais especializado, um serviço mais técnico.

Pedro Martins

Tu sabes que nós somos um meio muito pequeno, apesar de nós termos muita cultura, somos um meio muito pequeno, eu para me especializar na minha área, se tivesse à espera de formação na região, nunca a tinha, também tive que ter a minha parte do querer e ir à procura mesmo fora da região, também há esse interesse ou não, sobre as pessoas que o querem fazer, se o querem procurar para depois acertar, ou se querem estar sempre na polivalência à espera que alguém faça alguma coisa.

César Caldeira

É verdade e eu concordo com o que o Diogo disse há pouco, há falta de formação no mercado regional na área dos eventos, quer da tua área da parte técnica, quer da produção, realmente é inexistente, se houvesse formação e houvesse oferta, as pessoas talvez aderissem.

Pedro Martins

Haveria mais pessoas para trabalhar, a gente chegamos a uma altura minimamente de verão, verão e Natal, que são os picos mais altos que nós temos cá na ilha, independentemente haja pequenas ou grandes empresas, e haja pessoas a fazerem trabalho pessoalmente, ou empresarialmente, nós chegamos a essas alturas que não temos mais ninguém para o fazer, por mais que a gente recorra, a pessoas para o fazer, não o temos. É claro que isto é picos, durante algumas partes pontuais durante o ano, mas se houvesse formação, no mínimo, algumas pessoas não o poderiam fazer a tempo inteiro, mas poderíamos contar com algumas pessoas, para nessas pontes pessoalmente, termos pessoal para o fazer.

Edgar Rosas

Pedro, mas nesse aspeto eu acho que quem tem formação e quem é realmente bom, são os primeiros a ser chamados, e acho que tens de concordar comigo nesse aspeto, e em todas as áreas.

Pedro Martins

Sim, sim, e em todas as áreas porque também, minimamente, quem está a contratar ou sub contratar não quer correr o risco de meter alguém que não tenha formação para o fazer, isso aí é lógico, mas dessa parte, derivado também ao Diogo, nós não conseguimos o fazer só, e é preciso mais alguém para o fazer, e se houvesse no mínimo, algo de formação cá, seria sempre uma orientação para termos mais alguém a o fazer.

César Caldeira

Ok, isto hoje estamos concorridos de perguntas, o debate parece que está a ser bom.

Temos aqui mais uma pergunta do Bruno Pereira, o Bruno pergunta: - porque não conseguem, não querem os promotores e prestadores de serviços, deixar de olhar para o seu próprio umbigo, em vez de unirem em torno de uma equalização de mercado, proporcionando ao próprio uma maior profissionalização e oferta de serviços, não será essa uma união fundamental, tal como uma orquestra toca e obtém sucesso, existiria sem cantor, sem músicos, sem técnicos?

Edgar Rosas

Eu não concordo, isso é a via do monopólio, e seria só uma orquestra na região, não estou a ver isso funcionar. Eu acho que cada empresa, cada grupo de pessoas tem os seus argumentos válidos e é tão bom ter várias orquestras, percebes, a gente não pode depender de um prestador de serviços só, como não dependemos de um fornecedor só, isso é péssimo, isso era como se tivesses uma banda a tocar na região e não houvesse mais nenhuma, era especializada, ok, mas não, eu quero gosto de variedade, estou a falar por mim.

César Caldeira

E a concorrência é saudável leva-te sempre a melhorar e leva-te sempre a querer melhorar...

Edgar Rosas

Eu acho que há sempre nichos de mercados que ficam, aliás, eu criei um bocado a minha empresa, eu já disse isto a várias pessoas, baseada em

nichos de mercados que foram abandonados pelas grandes, percebes, e eu não sou uma grande empresa, sou uma micro empresa, eu quis trazer alguma qualidade aos pequenos eventos, porque acho que estavam um bocado abandonados porque era aquela história do pico do verão que o Pedro falou à bocado, que iam arranjar um técnico, que era um pequeno qualquer que sabia mexer, era um técnico de som, que não prestava um serviço de qualidade, e tu numa outra base, consegues prestar um serviço com muito mais qualidade a pequenos e médios eventos, com pessoal mais... e a preços sem ser exorbitantes, que as empresas também grandes, claro, têm outros gastos e outras coisas, claro que não podem competir também com empresas pequenas, em pequenos eventos, acho eu.

Pedro Martins

Como eu atravesso várias empresas, e também várias bandas, eu acho que a gente chegou a uma altura, neste ponto, agora, que grandes empresas criam grandes eventos, deixando a parte minimamente dos pequenos, que é a parte que tu falas, e hoje em dia já se vê as grandes empresas a quererem tomar o lugar dos pequenos eventos que abandonaram, e acho que aqui está a haver uma disputa, que é a parte que o Bruno está falando, porque não uma união, e aqui está a haver essa disputa.

Edgar Rosas

Mas isso, eu acho que as uniões às vezes também também servem, é assim, para o cliente, se calhar também não é vantajoso, porque ele assim tem várias opções, e tem várias opções de preço, e de qualidade, e pode escolher, e eu estou a pensar, quando eu também vou comprar algo, também gosto de ter possibilidades de escolha, se eu só tenho uma, fico limitado, acho eu.

Diogo Gonçalves

Eu infelizmente não concordo.

É o seguinte, sobre a parte da união e da equalização de preços no mercado, até penso que não é legal, mas sobre a questão da união, a experiência que eu tenho tido sobretudo a nível nacional e internacional, não a regional, a realidade regional é completamente diferente, o segmento de técnico de artes de espetáculo e dos eventos, é extremamente unida, até mesmo na discussão de valores a serem pagos, de direitos, de não sei quê, não sei que mais, é das classes artísticas mais bem definidas e mais bem organizadas que existe a nível nacional. Nem os artistas, aqueles que são os primeiros interessados em subir ao palco, são tão bem organizados quanto os técnicos, basta ver sindicatos como o CENASTE e outros, que têm estruturas altamente organizadas para a mobilização de técnicos quando existe algum problema que é necessário ser resolvido.

Pedro Martins

E é daí, que eu digo que a parte técnica ainda é a parte mais importante de um espetáculo, que sem essa organização, muitos espetáculos não se realizavam.

[todos a falar aos mesmo tempo]

Diogo Gonçalves

Mas aqui o Pedro tem razão, se voltarmos atrás quando ainda estava muito amorfo a definição de subsídios e apoios para os artistas e técnicos no governo nacional, quem deu início à mobilização, foi as equipas técnicas, e

não os artistas, porque enquanto eles ainda estavam a discutir o sexo dos anjos, os técnicos meteram-se na rua e disseram: temos de lutar pelos nossos direitos, e aí os artistas foram levados de arrasto.

Edgar Rosas

As primeiras medidas eram sempre destinadas aos artistas, a verdade é essa. A verdade é que nós estamos sempre nos bastidores, como o tema da conversa hoje, e até na questão dos subsídios e apoios, quem se lembrar, primeiro foram sempre os artistas.

Diogo Gonçalves

Mas quem mobilizou primeiro foram os técnicos.

Edgar Rosas

Claro, porque nos sentimos claro ultrapassados, também, e queríamos mostrar que também existíamos.

Pedro Martins

E de certa forma, como o Diogo diz, estamos mais bem organizados do que os próprios artistas.

Diogo Gonçalves

Eu mais depressa encontro numa relação com um técnico, uma estrutura mais bem organizada em termos contratuais e de direitos, do que às vezes eu encontro com artistas, por vezes, os técnicos são mais claros naquilo que

querem e naquilo que procuram no seu trabalho. Dizer eu só trabalho daqui a aqui, e o meu serviço tem o valor mínimo de x, ok, quero isto como direito, quero isto como direito, e os meus deveres são estes e estes. Mais depressa eu encontro isto quando estou a contratualizar uma equipa técnica, do que quando estou a contratualizar uma equipa de artistas, e isto vem tudo desta capacidade, atenção, eu digo isto a nível nacional e internacional, que é onde eu vejo, eu encontro isto, porque realmente, são um segmento da classe técnico-artística que já está há muitos anos organizada, por isso, dizer que eles estão desorganizados, talvez estejam mais aqui a nível regional, porque a nível nacional e internacional, eles estão super bem organizados, então se formos para países como França, não há ninguém que os ponha os pés em cima. Então isto é uma coisa que, se não há cá, há muita forma de haver cá, e há vários exemplos por onde seguir.

Pedro Martins

Cá já temos esses moldes e já trabalhamos minimamente dentro desses moldes.

César Caldeira

Uma última pergunta para a gente já terminar este debate, perspectivas futuras em relação aos nossos bastidores e a tudo isto, é aquela incerteza não é?

Edgar Rosas

Eu acho que a perspectiva é a mesma que a vacina do covid.

Pedro Martins

Cheguei a um ponto, para não entrar entre aspas em desespero, vivo um dia de cada vez, e deixo fluir, não posso fazer mais expectativas, porque toda a expectativa que eu tinha, e fiz, até agora, não correu bem.

Diogo Gonçalves

Eu vou ser mais dramático, eu vou dizer que isto está mais ou menos como uma roleta russa, não se sabe o que é que vai sair no dia a seguir.

Edgar Rosas

É isso, é o dia-a-dia, é esperar que melhor, mas sem grandes esperanças, isto pode demorar mais um ano, como pode demorar seis meses, não se sabe, olha, vamos aproveitando o tempo que temos, formar-nos...

[todos a falar]

César Caldeira

É a altura certa para tirar mais formações, e atualizar-nos em relação a tudo e...

Pedro Martins

Acho que já tem mais formações do que trabalho...

César Caldeira

Surgiu aqui uma questão, do facebook duma rapariga que é a Sofia Correia, e a pergunta dela é a seguinte, e é mesmo para terminar: - a alimentação do número de pessoas no público em espetáculos de sala fechada, é a medida implementada, uma situação que poderá surgir é a não continuidade de espetáculos para que abrange mais público, os espetáculos estão a ser um pouco aproveitados na medida em que só acontecem uma única vez, qual é a vossa opinião?

Edgar Rosas

Está a prejudicar os espetáculos de sala fechada, pode fazer com que o espetáculo não seja vantajoso seguir, porque não vai ter rendimento para, ou seja, tira a motivação a qualquer produtor, a qualquer equipa de artistas fazer um espetáculo para tão pouca gente, como o Diogo já referiu, a verdade é essa, mas isso, pronto, é o que temos.

Diogo Gonçalves

Se eu entendi a pergunta, eu acho que ela nos está a perguntar se um espetáculo com 50 pessoas num espaço grande é tão pouco aproveitado, porque não repetir esse espetáculo mais vezes.

Isto foi o que eu percebi da pergunta.

Eu acho que isso não depende de nós. Isso depende da programação e de quem programa o espaço determinado. Tem de ser eles, o programador do espaço, a ter essa consciência, de quanto público que alcançar e como vai alcançar esse público, e obviamente que fazer mais do que um espetáculo, há que mobilizar mais dinheiro, porque não vamos colocar as pessoas a trabalhar o dobro, o triplo, ou o sêxtuplo por um sexto ou metade do preço há aqui várias questões, não é só dizer, “ah já que é pouco aproveitado, vamos fazer,” também há que pensar o outro lado, que é quem programa, qual é a

missão do espaço, para que é que têm o espaço, o que é que eu quero alcançar, tem meios para realizar esse espetáculo mais do que uma vez, foi pensado isso dessa forma, não depende de nós que estamos nos bastidores, não depende de mim como produtor executivo, não depende do técnico de som, nem do técnico, de luz, depende de quem programa os espaço, e obviamente a forma como negocia com as equipas artísticas. Obviamente que nos gostaríamos imenso de fazer seis espetáculos de seguida, mas para nós, ok, fazemos seis espetáculos de seguida, mas dêem os meios e a forma de o fazer.

Pedro Martins

Se for para fazer, para um, nesse sentido seis espetáculos será seis vezes mais para um público sempre de 50 espetares que não abrange essa logística.

Edgar Rosas

Ou seja, implicaria um custo acrescido do bilhete, que não seria se calhar.... Para nós, mais trabalho, era melhor...

[todos a falar ao mesmo tempo]

César Caldeira

O que a Sofia quis dizer era no sentido de aproveitar feito tanto por artistas como pelos produtores e técnicos.

[todos a falar]

Ok, damos então por encerrada a nossa conversa, muito obrigado aos três, muito obrigado à Câmara Municipal do Funchal, à equipa de missão do Funchal Cultura 2027, espero que tenham gostado, foi um momento de reflexão entre nós todos como colegas da área, espero ver-vos todos em breve, em trabalho, no terreno, sem ser aqui, que como dizias bem Edgar, não é a mesma coisa.

Ok. Muito obrigado a todos. Tudo de bom para vocês